

# INTUITIO

PPGFil/UFFS | e-ISSN 1983-4012

DOI: <http://10.36661/1983-4012.2025v18n1.14967>

SEÇÃO: Varia

## INDIFERENÇA E DESERÇÃO DA SUBJETIVIDADE NA PERSPECTIVA DE CATHERINE MALABOU

*Indifference and the desertion of subjectivity in Catherine Malabou's approach*

Hans Magno Alves Ramos<sup>1</sup>

<https://orcid.org/0000-0002-4807-8283>

[hansmagno@yahoo.com.br](mailto:hansmagno@yahoo.com.br)

**Resumo:** Neste artigo, exploramos a contribuição de Catherine Malabou (1959-) à desconstrução da subjetividade da metafísica tradicional, operada por suas teses sobre a constituição da subjetividade psíquica e sobre a deconstituição da identidade resultante do trauma. Nesse sentido, são abordados os papéis do cérebro, da homeostase e, sobretudo, dos afetos na formação da subjetividade psíquica, sendo esta a emergência, à consciência e à autoconsciência, de processos de autorregulação fisiológica e de autoformação plástica. Os afetos são movimentos desses processos e, enquanto tais, conexões do sujeito com a vida e com o que importa, de tal forma que estruturam os atos psíquicos “superiores”, como a linguagem, a cognição, a decisão. A subjetividade afetiva e neural é muito mais frágil e vulnerável, à medida que é, ontologicamente, exposta ao acidente. Considerando isso, o trauma é um choque violento nos processos afetivos, de tal forma que perturba a capacidade humana de sentir esses afetos, causando um estado de desafecção ou indiferença e desencadeando uma plasticidade destrutiva, de aniquilação de identidade e dos processos de receber e dar formas a si. Isso constitui uma deserção da subjetividade, o que é prenhe de implicações políticas.

**Palavras-chave:** Afetividade. Trauma. Indiferença. Deserção da subjetividade.

**Abstract:** In this article, we explore Catherine Malabou's (1959-) contribution to the deconstruction of the subjectivity of traditional metaphysics, carried out through her theses on the constitution of psychic subjectivity and the deconstitution of identity resulting from trauma. In this sense, we address the roles of the brain, homeostasis, and, above all, affects in the formation of psychic subjectivity, understood as the emergence — into consciousness and self-consciousness — of processes of physiological self-regulation and plastic self-fashioning. Affects are movements within these processes and, as such, constitute the subject's connections to life and to what matters, structuring “higher” psychic acts such as language, cognition, and decision-making. Affective and neural subjectivity is far more fragile and vulnerable, as it is ontologically exposed to accident. In light of this, trauma is a violent shock to affective processes, disturbing the human capacity to experience affects and leading to a state of disaffection or indifference, triggering a destructive plasticity that annihilates identity and the processes of receiving and giving form to oneself. This constitutes a desertion of subjectivity, which carries profound political implications.

**Keywords:** Affectivity. Trauma. Indifference. Desertion of subjectivity.

<sup>1</sup> Professor de Filosofia no campus Formosa do Instituto Federal de Goiás – IFG. Doutorando em Filosofia pela Universidade de Brasília – UnB.

## 1. Introdução

Segundo Hilan Bensusan (2024, p. 96), Catherine Malabou (1959-) filia-se à ultrametafísica, a qual permite formas e categorias de pensamento inviabilizadas pela metafísica tradicional: “não se trata apenas de superar o momento anterior, mas também de permitir que alguma dimensão então inacessada venha à tona”. Para Malabou, não foi somente a filosofia contemporânea que veio a questionar e contestar a metafísica tradicional e suas categorias, mas também outros saberes, inclusive as neurociências (o que inclui a neurobiologia e a neurologia); ela atribui às descobertas das neurociências os mais duros golpes contra a concepção de subjetividade e de sujeito da metafísica tradicional, pois, nesta, o sujeito aparecia como independente e desvinculado do seu cérebro; este não contava, ou era ocultado, para o que se dizia sobre o sujeito. As neurociências desfazem esse ocultamento, não aceitando qualquer premissa que estabeleça a separação ontológica entre cérebro e sujeito. Essas ciências exigem tratar o sujeito pela dinâmica da cerebralidade e da plasticidade neuronal, por meio das quais o sujeito emerge e é contornado, condicionado, vulnerável e plástico. Para ela, uma prova do regime da cerebralidade sobre o sujeito humano é a cisão que lhe causa o dano cerebral, a partir do qual ele deixa de ser o que fora; não somente isso, deixa de ser como era, isto é, alguém com uma plasticidade de ganhar e dar forma, para ser alguém que expressa uma plasticidade destrutiva, de aniquilação da forma. O trauma brutal ou a lesão cerebral nulifica o sentido ordinário do interpelar a si tão caro à concepção de subjetividade, chamado por Malabou de autoafecção; não por coincidência, fazem o mesmo com a afecção vinda do outro, a heteroafecção; põem, pois, a subjetividade sob a égide da indiferença, da desafecção, isto é, suspensa no vazio. É um sujeito que pensa, todavia. O objetivo deste trabalho é, em caráter introdutório, dar atenção, na obra de Malabou, às razões pelas quais a indiferença proveniente do trauma significa tanto para a desconstrução do sujeito, o que passa pela compreensão do papel dos afetos na constituição da subjetividade humana. Neste trabalho, não trataremos de forma abrangente da subjetividade na ultrametafísica de Malabou nem da sua obra completa, mas sim da subjetividade psíquica e, assim, do sujeito neural, aquele emergido das neurociências e vulnerável ao trauma, de modo que este artigo se baseia nas obras *Que faire de notre cerveau?* (2004), *Les nouveaux blessés* (2007), *Ontologie de l'accident* (2009) e *Self and emotional life* (2013), esta última escrita em parceria com Adrian Johnston.

## **2. A convocação a uma subjetividade neural não conformista em *Que faire de notre cerveau?***

Na concepção de Malabou, a subjetividade neural humana é plástica; não se resume aos processos de reação adaptativa ao ambiente, mas abrange também a capacidade de autorregulação e de intervenção nos sistemas, de formação de si, de automodelagem: “no sistema nervoso central, como vimos, a contradição formativa — formação/explosão — deriva de uma contradição mais original: aquela entre a manutenção do sistema, ou ‘homeostase’, e a capacidade de mudar o sistema, ou ‘autogeração’<sup>2</sup>” (MALABOU, 2008, p. 75).

No livro *Que faire de notre cerveau?*, a abordagem predominante de Malabou acerca da plasticidade cerebral realça o potencial de não conformismo dessa plasticidade. Esta é conhecida pela capacidade do cérebro de receber e dar a si formas diferentes de estruturação, comunicação e funcionamento em virtude da sua interação com o ambiente. Na obra de Malabou, é definida a plasticidade por três dimensões: a capacidade dos processos neurais de receber uma forma, de criar uma forma e “de aniquilar a própria forma que ela é capaz de receber ou criar<sup>3</sup>” (MALABOU, 2008, p. 5, tradução nossa). A partir dessa concepção, o potencial de não conformismo da subjetividade por meio da plasticidade é realçado em várias passagens; dentre elas, podemos citar:

Pelo verbo fazer [*faire*] não entendemos apenas “fazer” matemática ou piano, mas fazer sua história, tornar-se o sujeito de sua história, apreender a conexão entre o papel do indeterminismo genético em ação na constituição do cérebro e a possibilidade de um indeterminismo social e político, em uma palavra, uma “nova liberdade”, ou seja, um ‘novo significado da história’<sup>4</sup> (MALABOU, 2008, p. 13, tradução nossa).

Mais à frente, ainda na introdução de “*Que faire de notre cerveau?*”, Malabou afirma que a investigação do livro deve permitir “pensar novas modalidades de formação de si (*self*) sob o nome de plasticidade” (2008, p. 14, tradução nossa). Após isso, vem ela afirmar

---

<sup>2</sup> In the central nervous, as we have seen, the formative contradiction – formation/explosion – proceeds from a more original contradiction: that between the maintenance of the system, or "homeostasis", and the ability of change the system, or "self-generation". (MALABOU, 2008, p. 75).

<sup>3</sup> “the capacity of annihilate the very form it is able to receive or create” (MALABOU, 2008, p. 5).

<sup>4</sup> “By the verb to do or to make [faire] we don't mean just ‘doing’ math or piano but making its history, becoming the subject of his history, grasping the connection between the role of genetic nondeterminism at work in me constitution of the brain and the possibility of a social and political nondeterminism, in a word, a ‘new freedom’, which is to say: a ‘new meaning of history’”. (MALABOU, 2008, p. 13).

novamente: “de acordo com esse significado [aberto], plasticidade designa, de forma geral, a capacidade de mudar o próprio destino, de flexionar sua trajetória, de navegar de maneira diferente, de reformar sua forma e não apenas de constituir essa forma como no significado ‘fechado’<sup>5</sup>” (MALABOU, 2008, p. 17, tradução nossa).

Durante o desenvolvimento do livro, ela critica a descrição conformista ou ideológica que alguns neurobiólogos fazem da atividade cerebral: “neurobiólogos e cientistas cognitivos contribuem para confirmar o sentimento difuso e altamente paradoxal de que o cérebro é o lugar da ausência de mudança e de que, na realidade, nós não podemos fazer nada a respeito<sup>6</sup>” (MALABOU, 2008, p. 66, tradução nossa).

No final do livro, ela atesta o caráter não conformista que a plasticidade cerebral deve ter para a subjetividade: “Moldar uma identidade em tal mundo não tem outro significado senão construir um contramodelo à sua caricatura, uma oposição a simplesmente replicá-la. Não replicar a caricatura do mundo: é isso que devemos fazer com nosso cérebro”<sup>7</sup> (MALABOU, 2008, p. 78, tradução nossa).

Trata-se, nessa obra, de não permitir que plasticidade seja reduzida à flexibilidade, chamada por Moysés P. Neto de “avatar ideológico” da plasticidade.

Sua posição envolve considerar que a plasticidade está sendo ocultada pelo seu avatar ideológico, a flexibilidade. Essa seria a forma incompleta, ainda não desperta pela consciência, daquela: ser flexível é fundamentalmente se adaptar às circunstâncias. Assim, o flexível está inibido na possibilidade de criar (doar forma) ou explodir a forma (*plasticage*), restrito a receber forma. (NETO, 2022, p. 4).

---

<sup>5</sup> “According to this meaning [open], plasticity designates generally the ability to change one's destiny, to inflect one's trajectory, to navigate differently, to reform one's form and not solely to constitute that form as in the “closed” meaning” (MALABOU, 2008, p. 17).

<sup>6</sup> “neurobiologists and cognitive scientists contribute to confirming the diffuse and highly paradoxical feeling that the brain is the locus of the absence of change and that we cannot in reality do anything about it” (MALABOU, 2008, p. 66).

<sup>7</sup> “Fashioning an identity in such a world has no meaning except as constructing of countermodel to this caricature, as opposed simply to replicating it. Not to replicate the caricature of the world: this is what we should do with our brain”. (MALABOU, 2008, p. 78).

### **3. A constituição emocional da subjetividade: o cérebro afetivo**

Para falar dessa constituição, é importante começar esclarecendo que Malabou defende o regime da cerebralidade para a explicação dos eventos psíquicos, isto é, a não separação das instâncias neuronal e psíquica, pois a primeira engloba, dialeticamente, a segunda.

Considero incontestável, desde já, que as estruturas e operações do cérebro, longe de serem o suporte orgânico apagado da nossa luz, são a única razão dos processos de cognição e pensamento; e que não há absolutamente nenhuma justificativa para separar mente e cérebro. Contudo, minha preocupação não era tanto com esses processos cognitivos, mas com o cérebro afetivo (MALABOU, 2012, p. XIII, grifos da autora, tradução nossa ).

O neuronal representa a si mesmo, o cérebro é também representativo, simbólico e psíquico, além de nervoso. Não há, então, uma energética, ou energia, especificamente psíquica, separada da neural. “O cérebro contém seus próprios eventos”, (Idem, p. 26) sem ser necessário algo além desses eventos para explicar o psíquico. É nesse sentido que os movimentos de interação entre corpo e cérebro são afecções cerebrais, e, uma vez que, nesse processo, o cérebro tenta moldar a si em relação ao que acontece ao corpo, constituem uma autoafecção, significando também que não é afecção ou criação de outra instância; ao contrário do que pensava Freud, o sistema nervoso regula a si mesmo, logo se autoafeta: “o cérebro aparece como o lugar privilegiado da constituição dos afetos” (MALABOU, 2012, p. 3, tradução nossa). Segue-se disso que essa autoafecção forma a subjetividade psíquica por meio dos afetos envolvidos nessa atividade. “A autoafecção é a capacidade originária do sujeito de interpelar a si mesmo, de se solicitar e de se constituir como sujeito no duplo movimento de identidade e alteridade em relação a si mesmo” (MALABOU, 2012, p. 42) – é um duplo movimento que inclui a alteridade porque a parte de si afetada nem sempre é identificada com a parte (eu) que toma consciência e reage à afecção (ou afeto).

Malabou recolhe das neurociências, usando como referência principalmente os textos de Antonio Damásio, os conhecimentos que tornam isso mais claro. A dinâmica dos afetos (ou das emoções) reside na troca de informações entre cérebro e corpo e nos movimentos de autorregulação do organismo em relação ao ambiente e a si mesmo, isto é, na homeostase, considerada como o constante fluxo de autorregulação vital. Em outras palavras, a relação humana com o ambiente não é de mera resposta automática aos estímulos, ela envolve uma

atividade sobre si na elaboração das reações e ações; é, pois, reflexiva, e, assim, emocional, afetiva.

As emoções organizam e coordenam a atividade cerebral. Seja no caso das emoções primárias (tristeza, alegria, medo, surpresa, desgosto), das emoções secundárias ou “sociais” (embargo, ciúme, culpa, orgulho), ou daquilo que chamamos de emoções “de fundo” (bem-estar, mal-estar, repouso, desânimo etc.), as emoções são o prolongamento elaborado dos processos afetivos em ação dentro da regulação homeostática. No cérebro, portanto, não existem mecanismos regulatórios para a adaptação ao exterior que não envolvam a adaptação emotiva do interior a si mesmo. Toda história individual começa ali (MALABOU, 2012, p. 38, tradução nossa).

Para Malabou, a homeostase é o avatar neurocientífico do *conatus* da filosofia de Spinoza. Este foi definido como: “cada coisa, na medida em que é em si mesma, esforça-se por perseverar no seu próprio ser” (SPINOZA apud Malabou, 2013, p. 38). Os afetos são assim variações de intensidade no *conatus*, do seu movimento de retraimento ou expansão, diferenças na homeostase, a qual não fala apenas do sujeito, mas também do outro em mim e do outro do mundo exterior: “podemos chamar de afeto todo tipo de modificação produzida pela sensação de uma diferença” (MALABOU, 2013, p. 5, tradução nossa).

Que não haja dúvidas: na obra de Malabou, não se trata apenas de uma parte emocional da subjetividade, justaposta a outras partes, mas sobretudo da constituição emocional da subjetividade humana, no sentido de que as emoções ou afetos sintetizam e expressam as dinâmicas das quais emerge o sujeito na autoafecção cerebral. Ela afirmou no prefácio de *Les nouveaux blessés*: “se há uma ponte entre o cerebral e o psíquico, de fato, ela só pode ser alcançada explorando a zona sensível do cérebro emocional” (MALABOU, 2012, p. XVIII). Disso segue que as emoções são as nossas conexões com a vida, e que todo o trabalho mais elaborado da consciência e autoconsciência, mesmo inconscientemente, depende de alguma maneira das dinâmicas afetivas. “Inconscientemente” significa que boa parte da autoafecção cerebral não chega à consciência e outra parte não chega como “autoafecção cerebral”, mas simplesmente como afetos ou outro processo mental X ou Y. Donde a afirmação de Malabou de que “a autoafecção cerebral é o inconsciente da subjetividade” (MALABOU, 2012, p. 42, tradução nossa). Não sendo consciente e não estando sob o governo ou autonomia do sujeito, essa autoafecção primária se distancia da autoafecção da subjetividade da metafísica

tradicional, assomando-se assim como uma heteroafecção em relação a esta. Nesse sentido, qualquer autoafecção consciente é precedida, na sua base constitutiva, de uma heteroafecção.

Dessa forma, a subjetividade neural é uma subjetividade inconsciente e emocionalmente estruturada, isto é, cujos afetos e afecção, predominantemente inconscientes, são primários em relação à consciência e à autoconsciência; em outras palavras, o sujeito que se constitui sinapticamente se constitui, em primeiro lugar, emocionalmente por uma dinâmica não dominada pela consciência. Essa subjetividade é, obviamente, vulnerável aos processos neurais e à homeostase, e, portanto, ao que acontece ao corpo, ao que vem do exterior, ao acidente, à própria dissolução, à mudança radical e repentina, à metamorfose:

O inconsciente cerebral é, assim, fundamentalmente um inconsciente destrutível e ele “sabe” disso. Esse “conhecimento” biológico-simbólico é a experiência original de fragilidade como exposição absoluta ao acidente. O núcleo da subjetividade, quando atacado, está simplesmente em risco de se dissolver (MALABOU, 2012, p. 45).

Essa suscetibilidade ao acidente faz com que, como no caso de Phineas Gage, uma barra de ferro possa mudar drasticamente a personalidade de alguém; neste regime, a subjetividade é muito mais vulnerável e frágil: eu posso me tornar outro sem que eu faça ou possa fazer nada. Isso é também relevante pelo fato de que alguém só se dá conta da autoafecção cerebral quando esta é mutilada pela lesão, pela doença, pelo acidente, isto é, essa autoafecção só se revela, na sua devida importância, quando falta ou é severamente alterada.

Dizer que os afetos são primários em relação aos processos “superiores” da mente, como linguagem, atenção voluntária, pensamento abstrato, lógico, crítico, deliberativo, não quer dizer apenas que os afetos acontecem antes e à margem dos processos cognitivos e avançados, mas quer dizer também que os estruturam. Isso significa que o empobrecimento, a atrofia ou a deficiência da vida emocional causam alterações, deslocamentos, nos processos cognitivos. Abordando o caso de pessoas que sofreram danos na parte cerebral que processa as emoções, tornando-se indiferentes, frias ou desapegadas, Malabou destaca os prejuízos que isso acarretou nos processos deliberativos e de escolha dessas pessoas:

A vida emocional de tais pacientes é, assim, extremamente empobrecida. O mais impressionante é a sua maneira insensível de raciocinar — um fenômeno que, segundo neurologistas, ameaça diretamente a capacidade de decidir, isto é, de avaliar as diferentes opções em jogo no momento de fazer uma escolha. Somente o aparato emocional torna possível atribuir peso às várias soluções que exigem uma decisão. Se esse aparato permanece mudo, decidir torna-se uma questão de indiferença:

tudo é tão bom quanto qualquer outra coisa, de modo que nada vale nada. A perturbação da autoafecção cerebral produz uma espécie de niilismo no paciente, uma indiferença absoluta, uma frieza que visivelmente aniquila toda diferença e toda dimensionalidade (MALABOU, 2012, p. 50).

A dimensão afetiva da subjetividade é fundamental no sentido que a dimensão racional e cognitiva se enraízam nela, trazem dela o significado real e complexo da vida e do que é importante.

#### 4. Trauma e indiferença: a deserção da subjetividade

Vimos que, em *Que faire de notre cerveau?*, Malabou nos chama a nos responsabilizar com o nosso cérebro, principalmente de maneira a fazer vingar sua potência não conformista. Porém, em *Les nouveaux blessés* e em obras posteriores, a sua atenção e ênfase se voltam para a fragilidade da subjetividade ao trauma, seja este proveniente de um acidente que causa uma lesão cerebral ou da doença, seja ele desencadeado por catástrofes naturais ou sociopolíticas. Nesse sentido, ela afirma que o trauma cerebral desencadeia a plasticidade destrutiva, “que forma o psíquico através da desconstituição da identidade<sup>8</sup>” (MALABOU, 2012, p. 2, tradução nossa). Assim, em *Ontologie de l'accident*, ela se propõe a fazer uma fenomenologia da plasticidade destrutiva, descrita aí como aquela esculpe pela aniquilação quando o repertório de formas já foi esgotado (MALABOU, 2009, p. 53). Não se trata de revogação das afirmações de *Que faire de notre cerveau?*, mas sim de se concentrar num polo oposto do assunto: é tratar daquelas pessoas e eventos que desafiam o significado da pergunta: “o que fazer do nosso cérebro?”. É também culminar a desconstrução da subjetividade da metafísica tradicional: “reconhecer o papel da plasticidade destrutiva nos permite radicalizar a desconstrução da subjetividade” (MALABOU, 2009, p. 39, tradução nossa).

Mas, afinal, o que é o trauma e em que enfoque recebe a atenção filosófica de Malabou em suas obras? Ela caracteriza o trauma como um choque físico-psíquico que rompe uma barreira de proteção (também física e psíquica, possivelmente até sociopolítica), sendo desse modo uma violação (*effraction*), a qual causa uma cisão na história do sujeito. O enfoque que ela estabelece concentra-se nos casos que escapam à explicação e à terapêutica da psicanálise, aqueles eventos danosos que tornam o sujeito que os sofre “hermeneuticamente irrecuperável”, isto é, traumas que causam uma metamorfose, cindem a vida dos sujeitos entre um antes

---

<sup>8</sup> “...that forms the psychic through the desconstitution of the identity” (MALABOU, 2012, p. 2)

e um depois, de forma que este, na subjetividade psíquica, não se reintegra com aquele: "a especificidade do evento traumático reside, assim, em seu poder metamórfico. O evento traumático, em certo sentido, inventa seu sujeito<sup>9</sup>" (MALABOU, 2012, p. 152, tradução nossa). O caso paradigmático é aquele em que a pessoa sofre uma lesão cerebral por um acidente. Além desse caso clássico, as reflexões de Malabou sobre esses sujeitos traumatizados, nomeados por ela de "novos feridos" (*les nouveaux blessés*), gradativamente, passam a incluir cada vez mais casos; além do dano cerebral e da ineficácia das técnicas psicanalíticas, o enfoque de Malabou recai sobre aqueles pacientes ou pessoas que sofrem de uma doença ou choque que mudam permanentemente sua organização neuronal e psíquica e que apresentam um déficit emocional: "todos eles exibem comportamentos permanentes ou temporários de *indiferença* ou *desafecção*<sup>10</sup>" (MALABOU, 2012, p. 10, grifos da autora, tradução nossa). Se é o déficit emocional que se torna o efeito mais significativo, indiferença incontornável pelas técnicas psicanalíticas, a categoria de novos feridos criada por Malabou deve incluir os traumatizados por eventos sociopolíticos e dos desastres naturais: "os comportamentos de sujeitos que são vítimas de traumas ligados a maus-tratos, guerra, ataques terroristas, cativeiro ou abuso sexual apresentam semelhanças marcantes com os de sujeitos que sofreram danos cerebrais. É possível nomear esses traumas como 'traumas sociopolíticos'<sup>11</sup>" (MALABOU, 2012, p. 10, tradução nossa). Na obra *Ontologie de l'accident*, pessoas em situação de rua e traumatizadas pelo desemprego são também tratados como "formas de subjetividade pós-traumáticas" (MALABOU, 2009, p. 20). A própria velhice repentina que cinde o sujeito do seu passado pode ser pensada pelos parâmetros da lesão, aduz a filósofa. Na sua análise, Malabou busca desfazer as barreiras entre os feridos por traumas accidentais e aqueles socio-politicamente produzidos, de modo que as neuropatologias, tendo como caso exemplar o transtorno de estresse pós-traumático, possam ser encaradas também como patologias sociais. Para fundamentar essa perspectiva, ela chama atenção para o fato de que o resultado dos traumas causados por guerra, violência, exclusão social é muito próximo do efeito dos traumas causados por um

---

<sup>9</sup> The specificity of the traumatic event thus inheres in its metamorphic power. The traumatic event, in a certain sense, invents its subject. (MALABOU, 2012, p. 152).

<sup>10</sup> "They all display permanent or temporary behaviors of *indifference* or *disaffection*"<sup>10</sup> (MALABOU, 2012, p. 10, grifos da autora).

<sup>11</sup> "The behaviors of subjects who are victims of trauma linked to mistreatment, war, terrorist attacks, captivity or sexual abuse display striking resemblances with subjects who suffered brain damage. It is possible to name these traumas 'sociopolitical traumas'" (MALABOU, 2012, p. 10).

acidente ou doença. "como não ficar impressionado com a evidente semelhança entre a conduta e o comportamento de um excluído social e de uma pessoa com uma lesão cerebral? Como evitar traçar uma conexão entre desafecção neuropatológica e 'desafiliação'<sup>12</sup>?" (MALABOU, 2012, p. 159, tradução nossa). Esses fenômenos importam em sua dimensão social também porque as pessoas desafectadas ou inafetáveis, seja por serem vítimas de danos cerebrais ou por desafiliação, vão ter dificuldades consideráveis na condução de uma vida autônoma, principalmente no que concerne à deliberação, à realização das escolhas e aos relacionamentos, conforme demonstram os estudos neurológicos em que se baseia Malabou. Fica patente, portanto, uma ampliação contínua do referente da categoria de "novos feridos" na obra dessa filósofa, o que se mostra como reflexo da sua concepção de que a plasticidade destrutiva é imanente à subjetividade neural e não algo isolado, extraordinário ou extrínseco à condição humana.

O trauma demonstra o regime da cerebralidade na formação do sujeito humano, pois a alteração psíquica é resultado direto do dano no cérebro, e as características dessa alteração (efeito) correspondem ao tipo e área da lesão (causa). O trauma é o caso exemplar, demonstrativo, da plasticidade destrutiva, a qual, na filosofia de Malabou, é associada à pulsão de morte da psicanálise – "está em jogo uma arte plástica muito particular, que se assemelha bem de perto à pulsão de morte"<sup>13</sup> (MALABOU, 2009, p. 24, tradução nossa). A abordagem de Marabou não descarta a existência de uma tendência de morte intrínseca à própria homeostase, uma vez que essa busca manter o nível de tensão sempre o mais baixo possível, porém o mais baixo é a morte – "assim, se a autoafeção cerebral é inseparável da regulação homeostática originária do sistema nervoso, ela também deve ser atravessada por essa fissura que, mesmo ao criar a distinção entre equilíbrio e morte, torna impossível separá-los um do outro"<sup>14</sup> (MALABOU, 2012, p. 73, tradução nossa).

Nesse contexto, sua fenomenologia da plasticidade destrutiva descreve um sujeito exposto ao acidente e, por isso, a uma descontinuidade da sua personalidade, ao potencial de

---

<sup>12</sup> "How could we not be struck by the obvious similarity between the general comportment and behavior of a social outcast and a person with a brain lesion? How could we avoid drawing a connection between neuropathological disaffection and 'disaffiliation'?" (MALABOU, 2012, p. 159).

<sup>13</sup> "Un art plastique très particulier est en jeu, qui ressemble de bien près à la pulsion de mort (MALABOU, 2009, p. 24)

<sup>14</sup> Accordingly, if cerebral auto-affection is inseparable from the origin-ary homeostatic regulation of the nervous system, it must also be traversed by this crack that, even as it creates the distinction between equilibrium and death, makes it impossible to extricate them from one another (MALABOU, 2012, p. 73).

ser outro, e isso não por automodelagem, pelo trabalho autônomo ou ético sobre si, mas simplesmente por acidente: “essa nova significação está ligada à plasticidade negativa ou destrutiva. Seu resultado pode ser caracterizado como uma metamorfose rumo à morte ou como uma forma de morte em vida marcada pela indiferença afetiva<sup>15</sup>” (MALABOU, 2012, p. 212, tradução nossa). A filósofa destaca a impossibilidade de dar sentido a esse acidente, de recompô-lo simbolicamente, de reintegrá-lo à própria história, pois a perda dos afetos tira do sujeito o potencial de fazer disso um caminho de superação; a indiferença por acidente, ou por trauma, é um beco sem saída. “Como falar do déficit emocional, já que as palavras para expressá-lo devem ser carregadas pelos afetos cuja ausência é precisamente constatada aqui?<sup>16</sup>” (MALABOU, 2009, p. 33, tradução nossa). No caso da metamorfose causada pela lesão, pelo acidente, pelo desastre, pelo crime, o sujeito não é sujeito dessa mudança, ele não a mobiliza, apenas a sofre sem poder se conectar com ela e com o quem fora antes dela: “[ele] não vive sua própria transformação, ele não a subjetiva<sup>17</sup>” (MALABOU, 2009, p. 18, tradução nossa). Ao dizer que o sujeito não vive sua transformação, Malabou não está excluindo ou menosprezando o sofrimento do trauma, o qual é certamente vivido, mas está sim enfatizando o alheamento do sujeito à sua ocorrência e ao impacto deixado por esta, de modo a salientar que a forma deixada pela transformação, se é que pode ser considerada uma forma, não é autorizada pelo sujeito e não é suscetível às intenções deste. O sujeito está sujeito a uma metamorfose imposta e da qual não pode fugir, restando, no máximo, a forma da fuga. Esse quadro, em *Ontologie de l'accident*, é caracterizado como uma deserção da subjetividade (2009, p. 13 e 22).

A desafecção é a ausência não ocasional ou fortuita de afetos, é ausência como incapacidade, uma desafetabilidade ou inafetabilidade; constitui uma perturbação na autoafecção do cérebro – que é uma heteroafecção em relação ao sujeito, isto é, independe da vontade dele – que torna essas pessoas indiferentes e retraídas em relação à vida e ao mundo, de tal maneira que o significado da importância (as coisas importantes da vida) foi anulado ou de tal forma transfigurado que restou inacessível, até mesmo para o próprio sujeito. Assim, a

---

<sup>15</sup> “This new signification is linked to negative or destructive plasticity. Its result can be characterized as a metamorphosis unto death or as a form of death in life marked by affective indifference” (MALABOU, 2012, p. 212).

<sup>16</sup> “Comment parler du déficit émotionnel puisque les mots pour le dire doivent être portés par les affects dont on constate ici précisément l'absence?” (MALABOU, 2009, p. 33).

<sup>17</sup> “[Il] ne vit pas sa propre transformation, ne la subjective pas” (MALABOU, 2009, p. 18)

indiferença ou a desafecção, ou qualquer grau significativo de déficit emocional, têm impacto em como devemos encarar a subjetividade. A indiferença a que chama a atenção Malabou não é apenas em relação a um outro específico (um momento, uma pessoa, um assunto), mas é sim uma incapacidade que pode ser a manifestação de algo irrecuperável; o foco dela é uma condição de impossibilidade de autoafecção, de auto interpelação afetiva, de cisão emocional consigo mesmo e com a vida:

Todas as lesões que afetam os mecanismos cerebrais de produção e regulação das emoções (...) podem alterar a personalidade a tal ponto que ela se torna irreconhecível sem necessariamente diminuir as funções cognitivas superiores. Essa alteração manifesta-se especialmente no “estrano desligamento” que parece tomar conta dos novos feridos, como se eles tivessem sido separados de si mesmos<sup>18</sup> (MALABOU, 2012, p. 15, tradução nossa).

Isso mostra a dependência da subjetividade psíquica consciente, autoconsciente e autobiográfica das dinâmicas emocionais; mais do que isso, mostra o quanto tais são preponderantes para a constituição do sujeito; se a mudança de personalidade e se o desligamento do indivíduo de si mesmo provêm de danos ou distúrbios emocionais, convivendo com funções cognitivas aparentemente intactas, estas podem ser consideradas secundárias com respeito aos processos de formação e manutenção da identidade do sujeito.

Na filosofia de Malabou, a deserção da subjetividade não consiste somente na ausência ou incapacidade do *cogito*; consiste também na indiferença afetiva, irrecuperável e acidental. Isso confirma mais uma vez que a afetividade (autoafecção e heteroafecção) é condição de possibilidade da subjetividade que pretende interpelar a si mesmo, dar forma a si e ao mundo. A indiferença dissolve a conexão com a vida e assim destitui seus componentes de importância. O próprio pensamento presente na ausência afetiva mutila o sentido.

A razão e a cognição não podem se desenvolver nem exercer suas funções normalmente se não forem sustentadas pelos afetos. Raciocinar sem desejar não é raciocinar. Para pensar, para querer, para conhecer, é necessário que as coisas tenham uma consistência, um peso, um valor; ora, a indiferença emocional anula o relevo, apaga a diferença das perspectivas, nivela tudo<sup>19</sup> (MALABOU, 2009, p. 27-8, tradução nossa).

---

<sup>18</sup> “All lesions that impact cerebral mechanisms of producing and regulating emotions (...) can alter the personality to a such degree that it becomes unrecognizable without necessarily diminishing the higher cognitive functions. This alteration manifests itself specially in the ‘odd unconcern’ that seems to come over the new wonded, as if they had been separated from themselves’ (2012, p. 15).

<sup>19</sup> “La raison et la cognition ne peuvent se développer ni exercer leurs fonctions normalement si elles ne sont pas soutenues par les affects. Raisonner sans désirer n'est pas raisonner. Pour penser, pour vouloir, pour connaître, il

A deserção da subjetividade tem como condição de possibilidade a deserção dos afetos e da importância. É preciso indagar se ainda estamos diante de uma subjetividade, e Adrian Johnston (2013, p. XVI) sugeriu que não o fosse<sup>20</sup>. Um sujeito cuja apercepção pode até existir mas sem encontrar unidade, porque faltam a autoafecção e heteroafecção. A unidade da apercepção parece só ser significativamente efetuada por meio de uma afetividade. Nesse sentido, a culminância da desconstrução do sujeito é o “sofrimento” da indiferença incurável, condição à qual estamos todos expostos ontologicamente: “frieza e indiferença. É possível, isso acontece, acaba acontecendo um belo dia, que não se ame mais os próprios pais nem a família<sup>21</sup>” (MALABOU, 2009, p. 58, tradução nossa).

## 5. Dificuldades teóricas ou de interpretação

Como dissemos na introdução, este é um trabalho introdutório que visa recortar, na obra de Malabou, o papel da indiferença e dos processos desafectivos na desconstrução da subjetividade humana. Operamos esse recorte porque entendemos que a contribuição de Malabou acerca disso é provocativa, é prenhe de ideias e caminhos teóricos e práticos a serem traçados, constituindo uma abordagem que merece, portanto, repercussão. Isso não quer dizer que não encontramos dificuldades ao traçar esse recorte, e abordá-las é uma forma de aprofundar essa repercussão e não simplificar uma filosofia complexa e com passagens áridas. Aqui, trataremos de duas dificuldades principais, a primeira concerne aos paradoxos da categoria de plasticidade destrutiva; e a segunda, à amplitude da categoria daqueles sobre os quais ela prevalece, a de novos feridos [*nouveaux blessés*], a qual une uma heterogeneidade de casos e características que, talvez, não tenha sido devidamente aquilatada.

Dissemos que, no livro *Les nouveaux blessés*, Malabou se concentra num polo oposto ao que tinha se dedicado em *Que faire de notre cerveau?*, pois naquele as potências não conformistas da plasticidade, inclusive da plasticidade destrutiva, parecem obliteradas pelo trauma, de modo que a plasticidade destrutiva não parece mais ser uma plasticidade, mas

---

faut que les choses aient une consistance, un poids, une valeur; or l'indifférence émotionnelle annule le relief, efface la différence des perspectives, nivèle tout” (MALABOU, 2009, p. 27-8).

<sup>20</sup> “The ‘synaptic self’ (to employ Joseph LeDoux’s phrase) of current neurobiology is a subject not only exposed to constant mediation by others (as per heteroaffection), but also vulnerable to traumatic occurrences of disruption that erase it and leave behind an utterly different subject (or even nonsubject) in its vanished place.” (JHONSTON, 2013, p. XVI).

<sup>21</sup> “Froideur et indifférence. Il est possible, cela arrive, cela finit par arriver un beau jour, qu'on n'aime plus ses parents ni sa famille” (MALABOU, 2009, p. 58).

apenas uma deserção da subjetividade causada pelo dano. Isso se revela nas paradoxais sentenças de que a plasticidade destrutiva cria através da destruição da forma, esculpe pela aniquilação quando o repertório de formas já foi esgotado (2012, p. 17; 2009, p. 53). Faz sentido falar de criar ou esculpir com exaustão de formas ou pela aniquilação? É a plasticidade destrutiva algo além dos efeitos do dano neural sofrido? Se não, não é confuso empregar o termo plasticidade para se referir a ela? Se sim, trata-se de uma figura de resistência ou de destruição, uma capacidade/poder ou uma incapacidade/impotência? Sendo de resistência, fica difícil entender a deserção da subjetividade; sendo de destruição, parece desnecessária, já que seria o evento externo que causaria a destruição e isso é um elemento essencial na constituição de uma ontologia do acidente e de um regime da cerebralidade. Em *Que faire de notre cerveau?*, a recusa de aceitar qualquer forma e o poder de romper com ela (2008, p. 6) se mostravam importantes para fazer da plasticidade algo maior do que a flexibilidade e não designavam perder a subjetividade sobre sua própria história; ao contrário, parecia uma condição dessa subjetividade. Porém, nas obras posteriores, as palavras usadas para descrever a atividade da plasticidade destrutiva não denotam o mesmo, sendo ela caracterizada como “uma metamorfose rumo à morte ou como uma forma de morte em vida” (MALABOU, 2012, p. 212, tradução nossa), como uma subjetividade ausente antes da hora e cujos “sujeitos” são comparados a mortos-vivos (MALABOU, 2009, p. 67). Essas dificuldades se manifestam também na associação da plasticidade destrutiva à pulsão de morte, pois, também nesse caso, parece que um elemento interno media a destruição, como se houvesse um mediador entre o acidente, o trauma externos e a deserção da subjetividade, o que pode tornar a vulnerabilidade humana ou a exposição ao acidente menos nua do que a própria autora admite ao afirmar o regime da cerebralidade – que “não aceita a preeminência concedida ao ‘inimigo interno’” (MALABOU, 2012, p. 8, tradução nossa) – e sua “absoluta exposição ao acidente” (MALABOU, 2012, p. 45).

Essas dificuldades poderiam nos levar a entender que a plasticidade destrutiva é apenas o limite da plasticidade, uma vez que não somos flexíveis a ponto de sermos polimórficos (MALABOU, 2008, p. 74); porém, aqui resta o problema da nomenclatura, de designar de plasticidade a exaustão ou o fim dela. Em sentido diverso, a resposta de Malabou apoia-se no fato de que há um sobrevivente após o trauma, uma psique amiúde pensante, logo há ainda alguma atividade de vida, de *conatus*, de plasticidade, de maneira que a plasticidade destrutiva seria essa plasticidade remanescente fadada ao fracasso na tentativa de recuperar a

plasticidade anterior, de dar e receber forma, só lhe restando a dissolução das formas (MALABOU, 2012, p. 5, 17, 48-9, 152, 198; 2009, p. 11, 25). Nessa perspectiva, poderíamos então dizer que a necessidade da categoria de plasticidade destrutiva deriva da sobrevivência da pessoa que sofreu uma catástrofe, de um “sujeito” pensante que desertou das formas anteriores da sua subjetividade ao mesmo tempo em que, pela desafecção, ficou impedido de elaborar novas formas, de recompor o sentido da sua história e da sua identidade, pois pensar sem afetividade e sem o sentido profundo da história e da identidade pessoal talvez seja o caso das máquinas. Em uma ontologia do acidente, é como se houvesse no ser uma negação em continuar que se daria por uma atividade dissolvente de si, chamada por ela de “*le possible négatif*” (MALABOU, 2009, p. 83) – e, novamente, revela-se a dificuldade acerca da existência do intermediário interno (a pulsão de morte ou a plasticidade destrutiva), fazendo uma ponte com o evento externo destruidor.

À medida que essa plasticidade destrutiva tem como forma exemplar a plasticidade do sobrevivente ao trauma, pós-lesional, o que se pode questionar é se a descrição não é demaisado pessimista, o que tem a ver com a segunda dificuldade que encontramos. Trata-se da vasta extensão da categoria de *nouveaux blessés* (dos novos feridos ou lesionados), o que reúne elementos bastante heterogêneos numa mesma classe, inclusive casos de desafecção que são permanentes juntamente com os que são temporários (MALABOU, 2012, p. 10). Um caso temporário de desafecção ou déficit emocional tem o mesmo impacto sobre a identidade, sobre a recomposição hermenêutica e simbólica da biografia do que os casos permanentes? A plasticidade destrutiva atua igualmente aqui e acolá? São igualmente casos de deserção da subjetividade um ferido pelo desemprego e um ferido por uma barra de ferro no cérebro? Serão ambos igualmente inatingíveis à psicanálise ou a outras intervenções terapêuticas de recomposição simbólica? Não há dúvidas de que a ampliação desse referente torna os fenômenos analisados por Malabou mais relevantes, ao sugerir que ela não fala de casos excepcionais, mas sim da própria condição humana nas sociedades contemporâneas, e ao apontar que não se trata apenas de lesões cerebrais, mas também de patologias sociais (MALABOU, 2009, p. 39). Essa ampliação pode, todavia, levar a equívocos. Na obra *Les nouveaux blessés* (2012, p. 10), ela indica a inclusão das pessoas no espectro autista ou com TDAH na categoria, o que flagrantemente não é o caso de desafecção como incapacidade. Delimitar na categoria

as diferenças e especificidades entre os casos, o que pode modificar a sua extensão, é empírica, política e terapeuticamente relevante.

Essas dificuldades apontadas podem resultar de nossas falhas de acuidade ao estabelecer esta interpretação, mas também podem revelar pontos que precisam ser clarificados na teoria desenvolvida pela filósofa. De todo modo, a escritura deste artigo atesta a convicção de que as potências da abordagem de Malabou sobressaem ante estas ou outras dificuldades.

## 6. Considerações Finais

O interesse de Malabou no trauma e nos “novos feridos” justifica-se pelo fato de que, na sua abordagem, eles provam a cerebralidade e constituem casos em que se manifesta nitidamente a plasticidade destrutiva, a qual foi chamada de “desconstrução biológica da subjetividade” (MALABOU, 2013, p. 58). Trata-se, pois, de um trabalho filosófico de culminância da desconstrução do sujeito da metafísica tradicional. Porém não é só isso.

Essa desconstrução da subjetividade passa pela vulnerabilidade ao acidente e pela indiferença resultante do trauma ou do acidente, o que significa que a subjetividade é desestrutuída não apenas quando desaparece o *cogito*, mas também quando este opera sem uma base afetiva, desapega-se da vida, dessabe a importância, é trespassado por vacuidade. O pensamento sem afetividade pode ser interpretado como aquele que não cria formas, que não exerce mais subjetividade, talvez sendo mais ilustrativo da operação de máquinas do que da atividade racional propriamente humana. Malabou caracteriza os indiferentes pelo trauma (incluídos aqui até os assim transfigurados pelos acidentes da velhice) como aqueles “cuja subjetividade é ausente antes da hora” (2009, p. 67), dando a entender que o fim da subjetividade (a prefiguração da morte) se dá com a incapacidade de amar, enraivecer-se ou admirar, podendo até coexistir com o raciocínio, frio, mas condenando-o à insipiência. Para ela, isso demonstra o primado da afetividade na constituição da subjetividade psíquica humana.

Por outro lado, a indiferença incontornável, traumática, parece ser o ponto em que a pergunta sobre o que fazer com o nosso cérebro fica no vácuo, inviabilizada de ser respondida. Isso quer dizer que a abordagem dos novos feridos, para os quais pensar novas modalidades de formação de si pode parecer inócuo ou sem lugar, é uma insistência não só nos limites do sujeito da metafísica tradicional, mas também nos limites do projeto de Malabou em *Que faire de notre cerveau?*, ou seja, do resgate da subjetividade não conformista de forma geral. É o encontro incontornável com uma barreira ou um abismo.

Isso é carregado de significado político: “a autoafecção cerebral pode, a qualquer instante, ser interrompida. O fato de que a transformação do eu por um trauma pode ser, ao mesmo tempo, destrutiva e transfiguradora é a grande lição da neurologia contemporânea. Esse também é o seu recado político” (MALABOU, 2012, p. 200, tradução nossa). A exploração teórica dos novos feridos e de uma ontologia do acidente demonstra que a indiferença e o retraimento provenientes do trauma são grandes obstáculos à formação de um sujeito não conformista: os indiferentes não podem fazer diferente, não podem fazer a diferença. Mas demonstra também a fragilidade do sujeito, da sua vulnerabilidade ao acidente, sendo igualmente frágil a dimensão da alteridade desse sujeito: “há uma ligação inegável entre lesões cerebrais e lesões na alteridade. Quando não há lesão orgânica, ‘o que foi ferido é a própria dimensão da alteridade’” (MALABOU, 2012, p. 161).

Todo esse quadro é um grande alerta vermelho em tempos que prometem proliferar os traumas social, econômica e politicamente produzidos, não excluindo daqui os desastres “naturais” oriundos das mudanças climáticas. É importante, incessantemente, lembrar que a perda da dimensão da alteridade pode ser o resultado do acidente, do desastre natural ou da doença, mas pode ser também socio-politicamente produzida, e, nesse caso, o indiferente é, antes de ser indiferente, um ferido, um traumatizado, um desprotegido, uma vítima da violação, do crime...: “a dificuldade de deixar-se ser tocado é o mal do nosso tempo, o resultado paradoxal de ser ferido” (MALABOU, 2012, p. 160, tradução nossa). Há dinâmicas sociais, econômicas e políticas de produção da lesão e, assim, da indiferença e da deserção da subjetividade. Não há resgate possível do sujeito sem lidar, da maneira certa, com essas dinâmicas. Malabou enfrenta esse desafio nas obras mais recentes, assim como retoma os apelos contídos no livro *Que faire de notre cerveau?* para sermos “os autores do próprio cérebro” (MALABOU, 2024, p. 23-4), porém, nos limites deste artigo, não é possível tratar disso com a atenção necessária para fazer jus ao trabalho dela, o qual ainda está em seu devir.

## Referências

BENSUSAN, Hilan. *O capítulo de Malabou na história da ultrametafísica*. Perspectivas. Palmas, vol. 9, nº 1, p. 79-107, 2024.

NETO, Moyses P. *O cérebro imanente: introdução à neurofilosofia de Catherine Malabou*. Veritas. Porto Alegre, v. 67, n. 1, p. 1-10, jan.-dez. 2022.

JOHNSTON, Adrian; MALABOU, Catherine. *Self and emotional life: philosophy, psychoanalysis, and neuroscience*. New York: Columbia University Press, 2013.

MALABOU, Catherine. *A soberania será algum dia desconstruída?* Perspectivas. Palmas, VOL. 9, Nº 1, p. 13-27, 2024.

\_\_\_\_\_. *Ontologie de l'accident: essai sur la plasticité destructrice*. Paris: Éditions Léo Scheer, 2009.

\_\_\_\_\_. *The new wounded*. Translated by Steven Miller. New York: Fordham University Press, 2012.

\_\_\_\_\_. *What should we do with our brain?* Translated by Sebastian Rand. New York, Fordham University Press, 2008.

**Recebido em:** 08/03/2025.

**Aprovado em:** 29/07/2025.

**Publicado em:** 05/08/2025